



O romance policial latinoamericano no século XXI: três romances de Leonardo Padura, Eduardo Mariani e Claudia Piñeiro

Eduardo Fava Rubio

Pensar um gênero a partir de uma tradição literária supõe pensá-lo enquanto manifestação histórica não só de um tempo específico, mas também de um contexto social que envolve a cultura, a política, a economia, a língua, etc., como expõe Bakhtin em “Tipologia histórica do romance” (2010, p. 205). É neste sentido, então, que Aimar Sánchez (2000), Gandolfo (2007) e Berg (2008) apontam a importância de que o gênero policial encontre uma forma de realização local – no caso, no contexto latinoamericano – e pessoal para chegar a suas melhores realizações. Na era que poderíamos chamar de “pósditatorial” na Argentina, por exemplo, o policial tem representantes como Plata quemada (1997), de Piglia; La pesquisa (1997), de Saer; y Manual de perdedores (1985), de Sasturain; em que ecoam ainda o terror dos anos recentes, a dificuldade de narrar e a “irredutibilidade da derrota” (como aponta Avelar (2008)), características presentes na literatura como um todo do período. Como se configuraria, então, se é que ela, de fato, existe, a etapa posterior, a da hegemonia neoliberal e suas consequências, na narrativa policial latinoamericana? Mais do que isto: é possível pensar em um contexto latinoamericano a partir do caso argentino, extrapolando as fronteiras em direção, por exemplo, ao próximo Uruguai e à distante (em muitos aspectos) Cuba? A partir da leitura de Las viudas de los jueves (2005), da argentina Claudia Piñeiro; Fratelli, do uruguaio Eduardo Martini; e La neblina del ayer, do cubano Leonardo Padura; estas são as questões sobre as quais este trabalho buscará refletir.

